

“Por favor, acredite em mim”: a representação do gaslighting nos filmes À meia-luz (1944) e O homem invisível (2020)

“Please, believe me”: the representation of gaslighting in the films Half-light (1944) and The Invisible Man (2020)

Cali Pedro GAMA¹

Paulo Henrique Soares de ALMEIDA²

Resumo

Apesar de não ser nova, gaslighting foi eleita a palavra do ano em 2022, pelo dicionário norte-americano Merriam-Webster. Neste sentido, este artigo analisa como a mídia representa a prática do gaslighting em dois diferentes momentos: no filme À Meia-Luz, de 1944, época em que o termo ficou conhecido; e no filme O Homem Invisível, produzido em 2020. O objetivo é entender como o gaslighting é explicado em momentos históricos distintos, destacando os motivos e significados, bem como os estereótipos e imaginários utilizados para apresentar suas consequências. Para isso vamos utilizar como metodologia a Análise Crítica da Narrativa.

Palavras-chave: Gaslighting. Representação. Audiovisual. Análise Crítica da Narrativa.

Abstract

Despite not being new, gaslighting was elected the word of the year in 2022 by the American dictionary Merriam-Webster. In this sense, this article analyzes how the media represents the practice of gaslighting in two different moments: in the film À Meia-Luz, from 1944, when the term became known; and in the film O Homem Invisível, produced in 2020. The objective is to understand how gaslighting is explained in different historical moments, highlighting the reasons and meanings, as well as the stereotypes and imaginaries used to present its consequences. For this, we will use the Critical Analysis of the Narrative as a methodology.

Keywords: Gaslighting. Representation. Audio-visual. Critical Narrative Analysis.

Introdução

Gaslighting é um termo que vem ganhando destaque nas últimas décadas, chegando a ser eleito a palavra do ano em 2022, pelo dicionário norte-americano

¹ Graduando do curso de Audiovisual, Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: cali.gama_22aud@fac.unb.br

² Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília, com período sanduíche na Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Professor na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: pauloalmmeida@gmail.com.

Merriam-Webster. O título veio após um aumento de 1.740% nas buscas pelo seu conceito no site do dicionário em 2022, em comparação a 2021³. Mas afinal, o que é o gaslighting e como vem sendo representado na mídia?

O termo pode ser entendido como uma forma de violência psicológica capaz de trazer danos graves para a saúde mental das vítimas. Ao contrário do senso comum, não é apenas uma tentativa de manipulação que busca taxar o outro como insano, mas sim, uma complexa estrutura de abuso que se constrói perante a vulnerabilidade e descaso social. De acordo com Sarkis (2019), a prática, muitas vezes, leva a vítima a se sentir-se culpada de algo que na realidade não é. Seja sobre o que pensa, alguma atitude que tome, sobre a sua própria sanidade ou capacidade vital. A autora pontua que o gaslighting pode ser praticado e sofrido tanto por homens quanto por mulheres. Contudo, ela alerta que “é bem provável que você ouça falar mais em homens que fazem esse tipo de manipulação” (SARKIS, 2019, p. 11).

O gaslighter, como a pesquisadora chama o abusador, pode estar presente na figura de diversas identidades sociais, tanto no nível das relações interpessoais, como o pai, o marido, o namorado, o irmão, o vizinho, o colega de trabalho etc., quanto no âmbito das relações coletivas e de poder. Para Sarkis, o gaslighter tem como finalidade principal desqualificar a vítima feminina em suas capacidades, pelo simples fato de ser mulher. Práticas como fazê-la duvidar de si e do que pensa ou presencia, pedir desculpas de algo que não fez, questionar-se costumeiramente e colocar-se para os outros como a culpada das más atitudes do seu companheiro, são comportamentos comuns que o gaslighter leva a suas vítimas cometerem.

Desse modo, a socióloga norte-americana Paieg L. Sweet (2019) afirma que o gaslighting é um fenômeno genderificado, ou seja, mesmo a vítima não se identificando com o gênero feminino, são utilizados estereótipos femininos pejorativos, como a histeria, para justificar e cunhar essa estrutura de abuso, que coloca em questão o senso de realismo, identidade e independência da vítima. É importante pontuar ainda que outros recortes sociais também são importantes, pois o gaslighting depende da posição de vulnerabilidade da vítima. Quanto mais vulnerável é o alvo, mais sujeito está a manipulação.

³ Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/11/28/gaslighting-e-eleita-palavra-do-ano-pelo-dicionario-merriam-webster.ghtml>. Acesso em 2/2/2023.

Esse tipo de violência também é registrado em números. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019 estimou que cerca de 17,4% dos adultos (27,6 milhões de pessoas) sofreram violência psicológica nos 12 meses anteriores à entrevista, sendo as mulheres as principais vítimas (CAMPOS, 2021). No Distrito Federal, a violência psicológica contra mulheres também tem alto índice e representa 84,5% das denúncias, de acordo com o levantamento anual da SSP-DF, publicado em 2021 (RIBEIRO, 2021). Segundo os dados, ameaças e insultos contra mulheres têm maior incidência na capital federal desde 2017.

Neste cenário, entre as formas de prevenção, é papel da mídia estar presente na divulgação e conscientização sobre o tema. Principalmente, devido as graves consequências sociais e físicas inclusas, na prática do gaslighting, como violência doméstica, feminicídio etc. Sabemos que a mídia fornece material importante com que muitas pessoas constroem valores, como o senso de classe e sexualidade. Nas palavras de Kellner (2001), ela ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e estimas mais profundos da sociedade, definindo o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral e imoral. Portanto, utilizar o poder de influência midiático para produzir narrativas que expliquem e atuem contra as consequências negativas do gaslighting é fundamental.

Partindo dessas observações, este artigo tem como objetivo analisar como a mídia representa a prática do gaslighting em dois diferentes momentos: no filme *À Meia-Luz*, de 1944; e no filme *O Homem Invisível*, produzido em 2021. O objetivo é entender como o gaslighting é explicado nas duas tramas; os motivos, os significados, bem como os estereótipos e imaginários utilizados para discutir o termo e suas consequências sociais. Para isso utilizaremos como metodologia a Análise Crítica da Narrativa.

Origem e transformações do termo gaslighting

Apesar de a palavra ter se popularizado nos últimos anos, o termo gaslighting teria sido pensado a partir do filme *À Meia-Luz*, de 1944, que no original se chama *Gaslight*, obra dirigida por George Cukor e estrelada por Ingrid Bergman e Charles Boyer. Antes de ser referência pop, o nome do filme tem uma explicação técnica. Em tempos antes da eletricidade, para se ter luz só era possível a gás, que é o gaslight em inglês. Portanto, a ideia se relaciona com essa metáfora de luz, de falha na iluminação e memória que faz parte da narrativa do filme.

À Meia-Luz chegou a ser indicado a oito categorias no Oscar, rendendo o primeiro de Melhor Atriz para Ingrid Bergman, que destacou com riqueza de detalhe em sua atuação em meio a um sufocante e aterrorizador poder de manipulação. Tanto que, desde então, se alguém quer desacreditar outra pessoa, se diz que está “gaslighting”. Entretanto, o significado e simbolismo do termo vem se transformando ao longo dos anos, passando por diversas interpretações midiáticas até se tornar a simbologia que ocupa o imaginário popular, atualmente.

No Brasil, no início do ano de 2022, a palavra gaslighting chegou aos *trending topics* das redes sociais e do *Google Trends* como o assunto mais comentado no momento, devido a um dos participantes do Big Brother Brasil 22, Arthur Aguiar, que por final levou o prêmio. O comportamento manipulador do ator, que buscava uma distorção da realidade a seu favor, foi apontado como gaslighting pelo programa e a imprensa, o que gerou uma onda de pesquisa e de notícias sobre o significado da palavra. Conforme os dados, em janeiro de 2022, durante o BBB, teve o segundo maior pico de pesquisa no Brasil sobre o termo, ficando atrás apenas de janeiro de 2018, quando foi lançado no país o filme *Batman: Gotham by Gaslight*. No longa, o super-herói está atrás de um dos primeiros seriais killers de mulheres, conhecido como Jack, o estripador.

No Brasil, se o termo ganhou destaque em 2022 por ser discutido em um dos programas da TV Globo, é importante destacar que outras produções da emissora já debateram o problema. Em 1990, por exemplo, a novela Rainha da Sucata apresentou um casal inspirado no filme À Meia-Luz. Na trama, o marido Renato (Daniel Filho) tenta convencer sua esposa Mariana (Renata Sorrah) de que ela está louca e a manipula para obter sua fortuna. No entanto, ao observarmos a construção dos personagens da Rainha da Sucata, podemos avaliar que a concepção do que é e como o gaslighting é concebido entre a vítima e seu agressor nesta novela ainda continha floreios e estereótipos, pois o gaslighting, normalmente, não é praticado conscientemente e não aparenta ter um objetivo concreto para tentar conduzir as vítimas a insanidade, conforme afirma a filósofa Kate Abramson (2014). De acordo com a pesquisadora, os motivos pelo qual o gaslighting ocorre tendem a ser mais obscuros, por estar relacionados a questões psicológicas, emocionais e não há desejos facilmente reconhecíveis como a ganância.

Metodologia: análise crítica da narrativa

Stuart Hall, um dos principais nomes dos Estudos Culturais, defende que “*culture is about ‘shared meanings’*”⁴ (HALL, 2009, p. 2). Entende-se, que o processo de significar e compartilhar valores de um determinado grupo, ou sociedade por meio da linguagem, operada pelo sistema de representação. Este sistema, segundo o autor, significa usar a linguagem para dizer alguma coisa com sentido sobre algo ou alguém a partir de símbolos, seja por palavras, músicas, imagens, fotos, entre outros. Em resumo, a representação conecta significado e linguagem com a cultura. “Dizer que duas pessoas pertencem à mesma cultura é dizer que elas interpretam o mundo e se expressam, aproximadamente, da mesma maneira”⁵ (HALL, 2009, p. 2).

Tais quadros de referência, de acordo com Hall (2009), funcionam como moldura ou enquadramento dos fatos. São como mapas culturais, que constroem significados e direcionam a forma como os códigos serão interpretados. “Nós damos às coisas significados pelo modo como as representamos, as palavras que usamos, histórias que contamos, emoções que a elas associamos e imagens que produzimos”⁶ (HALL, 2009, p. 3). Neste sentido, o registro de costumes, práticas e representações na mídia nos orienta sobre o que sabemos sobre um determinado conceito, suas causas e consequências. E isso inclui as notícias, as peças de teatro, as músicas, entre tantos outros produtos midiáticos e até os filmes, objeto de estudo deste artigo.

Isso porque, ao interpretar uma realidade específica, essas narrativas, sejam elas reais (notícias) ou ficcionais, incorporam discursos sociais e políticos que ajudam a constituir a visão de mundo do indivíduo, pensamentos e ações. Elas registram a história, o mito, as práticas culturais e representações que perpetuam e se cristalizam na memória coletiva. Logo, mergulhar no conteúdo dessas histórias nos leva a compreender as representações da sociedade à nossa volta e os hábitos onde elas são criadas, veiculadas e recebidas.

⁴ No original: “culture is about ‘shared meanings’”.

⁵ No original: “To say that two people belong to the same culture is to say that they interpret the world in roughly the same ways and can express themselves”.

⁶ No original: “we give things meaning by how we represent them, the words we use about them, the stories we tell about them, the images of them we produce, the emotions we associate with them”.

Como este estudo requer conhecimentos que envolvem contexto, fatos históricos e sociais, relações de poder e linguagem, adotamos como caminho metodológico a Análise Crítica da Narrativa, proposta pelo professor Luiz Gonzaga Motta (2013). Nosso objetivo é ir além do estruturalismo e observar, não apenas a mensagem produzida, mas também como o significado de gaslighting se articula com a cultura e o contexto social em que o emerge nas duas obras estudadas.

Portanto, neste estudo, a Análise Crítica da Narrativa segue três caminhos interligados: a) *Plano de expressão*: discurso e linguagem, onde a narrativa se aflora e captura o olhar do espectador. Aqui, observamos os sentidos construídos nos filmes para causar o efeito de real; b) *Plano da história*: é o plano da significação e do conteúdo, no qual observamos os personagens, o enredo, o drama e como a interpretação sobre o que é gaslighting, e como é representado nos filmes; c) *Plano da metanarrativa*: onde veremos como essas representações remetem à cultura, a sociedade e o contexto histórico das duas produções.

À Meia-Luz (1944)

Ganhador de dois Oscars e um Globo de Ouro, o filme *À Meia-Luz* (1944) é um thriller que conta a história de Paula (Ingrid Berman), herdeira de uma fortuna deixada por sua tia, famosa cantora de ópera, que foi morta misteriosamente em um incêndio. De passagem pela Itália por conta de seus estudos e da recuperação desse grande trauma - dado que foi ela, quando criança, quem presenciou o cadáver -, Paula conhece Gregory Anton (Charles Boyer), um experiente e oportunista playboy que vive de pequenos golpes, começando, logo, a namorá-lo. A narrativa fílmica tem início com a apresentação desses personagens, sendo a protagonista representada como uma jovem rica e frágil. De acordo com Motta (2013), durante a análise, observar a construção do protagonista e antagonista da história é importante, pois eles são os principais pontos de foco dramático. “A personagem é uma figura central da narrativa. É o eixo do conflito em torno do qual gira toda a intriga” (MOTTA, 2013, p. 174).

Outro ponto importante de análise é o tempo. Logo depois do início do namoro de Paula e Gregory, a protagonista desiste de tentar a carreira de cantora para se casar. É onde a intriga se forma e o primeiro indício de manipulação psicológica fica claro. Isso porque, o novo casal se muda para a casa que pertencia à tia de Paula, por desejo de

Gregory, apontando o início do gaslighting, pois a protagonista não desejava se mudar para lá. De acordo com Motta (2013), sociologicamente, um conflito ocorre quando as partes se encontram em desacordo e a tensão se manifesta. “A face mais exposta de um conflito social costuma estar na conduta (no que as pessoas fazem), ou nas motivações (estados subjetivos que precedem a ação)” (MOTTA, 2013, p. 167). Ainda não fica claro as motivações de Gregory, porém, aos poucos, as respostas vão aparecendo no decorrer da trama.

Outro momento nítido de gaslighting é apresentado logo quando o casal chega à mansão. A casa ainda estava na mesma configuração que se encontrava anos atrás, antes do falecimento da tia de Paula, o que a deixa nostálgica. Gregory, sem a autorização explícita de sua esposa, anuncia que guardou todos os pertences da tia no porão. Paula se opõe e ele a manipula ao silêncio.

Novamente o tempo se passa e somos levados a acreditar que Paula se encontra adoecida. Aos poucos, o autor vai apresentando ao público as consequências físicas dessa violência. Na trama, Gregory manipula Paula de diversas formas. Entre elas, negando certos acontecimentos, isolando-a do convívio social, além da frequente troca de lugar dos objetos da casa, fazendo-a ficar cada vez mais desorientada e incerta de tudo o que percebe à sua volta, passando a duvidar, inclusive, da sua própria sanidade mental. Essa seria uma representação coesa do fenômeno gaslighting.

O próprio título do filme faz referência a uma das formas de manipulação de Gregory. Isso porque a casa possuía eletricidade movida a gás e, para ser acesa, precisava ser manejada de um lugar específico da casa. Entretanto, neste momento, Gregory fazia as luzes piscarem como mais uma estratégia de enlouquecer sua vítima. Ao ser confrontado por Paula, ele negava que isso tivesse acontecido, dizendo que ele estava no trabalho. Representações como essas são efeitos de sentido que o autor constrói para reforçar ainda mais a manipulação. Para Sarkis (2019), o gaslighter busca transferir a culpa de suas ações à sua parceira, recusando-se, assim, a assumir a sua própria responsabilidade e distorcendo, desse modo, a realidade a seu favor. Toda vez que Paula buscava se desvencilhar dessa confusão devido à manipulação constante, Gregory conseguia inverter a situação para confirmar seu adoecimento. “Quando o gaslighting é bem-sucedido, quando verdadeiramente prejudica o alvo da maneira que foi projetado para fazer, pode reforçar as próprias normas sexistas às quais o alvo estava tentando resistir” (ABRASOM, 2014, p. 3).

Em *À Meia-Luz*, a construção da personagem Paula traz o clássico estereótipo Hollywoodiano do feminino à época: meiga, frágil e dependente. E por causa desse estereótipo, ela não é dona de sua independência após a morte de sua tia, precisando de um homem para estar ao seu lado para seguir a sua vida adiante. Ao contrário de Paula, sua tia era uma mulher bem-sucedida, autônoma e solteira. No entanto, morreu queimada, tal como as bruxas da idade média. Isso nos leva a compreender o clássico contexto da representação feminina na qual o filme é produzido.

O desfecho final da narrativa tem a participação de outra figura masculina para “salvar” a protagonista indefesa. É quando Brian, um policial, acha estranho o comportamento de Paula e resolve investigar o caso. Ele descobre e comprova que Gregory tem um plano de fazer todos acreditarem que Paula está enlouquecendo para sequestrar legalmente seus bens e se apossar das joias de sua tia que estão no porão com todas as lembranças de Paula.

Por fim, momentos antes de Brian efetivar o mandado de prisão para Gregory, Paula pede um momento a sós com o seu marido abusador (Figura 1).

Figura 1: Cena final quando Paula confronta Gregory.



Fonte: blog Rato Cinéfilo⁷.

É neste momento que Paula pergunta a Gregory por que ele fez tudo isso e a sua resposta retrata um dos pontos complexos do gaslighting: a motivação subjetiva, pois ele responde que não sabe o motivo. Este comportamento retrata uma representação real do abusador, conforme aponta Abramson (2014). No entanto, apesar de Gregory não saber

⁷ Disponível em: <http://ratocine.blogspot.com/2013/09/gaslight-1944.html>

o motivo, na trama o gaslighting é justificado ao público como um plano do abusador para roubar a fortuna da sua esposa. Em suma, a análise do filme *À Meia-Luz* (1944), releva os seguintes dados:

Quadro 1: Coleta dos dados

Gênero cinematográfico	Thriller: com clímax criados para prender o telespectador. Esses momentos ocorrem geralmente quando o personagem principal é colocado em uma situação ameaçadora, da qual parece impossível escapar. No filme, a vida de Paula é ameaçada, porque a personagem, inconscientemente, está envolvida em um plano criado pelo seu marido para deixá-la louca.
Representação da vítima	Ingênua, dependente e herdeira de uma fortuna.
Representação do gaslighter	Galã e playboy.
Características do gaslighting	São utilizadas alterações concretas para que se obtenha resultados psicológicos na vítima, como esconder pertences em lugares improváveis, alterar o mecanismo de luz na casa para alegar insanidade na vítima. Para confirmar esta suposta alegação, o gaslighter isola a vítima alegando problemas de saúde dela.
Motivo do gaslighting	Um plano do abusador para roubar a fortuna herdada pela vítima.
Significado construído	Embora o filme seja mais voltado para um drama policial com a mensagem de que é preciso confiar em instituições da justiça, se olharmos especificamente para o tema gaslighting, percebe-se que, na trama, o significado é que o gaslighting tem como vítimas mulheres ricas e frágeis, acontecendo sempre com um objetivo específico, principalmente, na tentativa de roubar essas mulheres.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

O Homem Invisível (2020)

Inspirado no romance de H. G. Wells, o filme trata-se de uma alegoria de violência contra a mulher, na qual Cecília (Elisabeth Moss) sofre abusos físicos e

psicológicos do marido. E mesmo quando consegue criar coragem para transpor sua violentada vida, ela ainda se sente vigiada, à sombra de seu agressor.

O início da trama de *O Homem Invisível* já começa apresentando as consequências do gaslighting. Um efeito de sentido para prender a atenção da audiência. Logo na primeira cena, o público é levado para o universo da protagonista. A imagem apresenta uma casa isolada no alto de um lugar inóspito e escuro, onde apenas ouvimos o barulho do mar, reforçando o efeito de solidão e privação social. Na sequência, a câmera foca o rosto da protagonista. Ela está na cama ao lado de seu marido, Adrian Griffin (Oliver Jackson-Cohen), que está dormindo, e o seu primeiro movimento é tirar as mãos dele de cima dela. Esse gesto tem um importante significado, pois mostra que, mesmo dormindo, ele a segura e controla, reforçando o sentimento de posse. Essa é a primeira representação da dominação do marido em relação a Cecília e o ponto de partida da narrativa.

Em seguida, a música e os movimentos da personagem sugerem que ela está fugindo de seu companheiro, reforçando o provável abuso de poder, já que as instalações da casa apontam para uma vigilância extrema e superdesenvolvida tecnologicamente, organizada e controlada por ele. Na sequência, a imagem de um cachorro utilizando uma coleira de choque é um recurso utilizado pelo autor para confirmar o perfil abusador dominante do marido. O jogo de câmara ao mostrar a coleira em primeiro plano confirma essa observação. Ao dizer para o cachorro “não vou te deixar aqui assim”, Cecília esclarece ao público sua tentativa de fuga. Então, o autor constrói um jogo de imagem, objetos e palavras para apresentar o drama que desencadeará toda a narrativa. A cena da fuga nos primeiros minutos do filme prende o público em um suspense de terror psicológico.

Pode se afirmar que, assim como em *À Meia-Luz*, mais uma vez o telespectador está diante de um thriller. “O thriller é concebido de modo a colocar o herói em situações constantes de extremo perigo, um atrás da outra, levando o leitor ou espectador a compartilhar os medos do herói” (MOTTA, 2013, p. 156). Tanto que, ao libertar o cachorro, Cecília acaba acidentalmente acionando um alarme, ocasionando desespero. Então ela corre em direção a uma floresta e uma estrada. É neste momento, de fato, que conhecemos o nome dessa protagonista, uma jovem branca, abatida e acromática. Na cena, Cecília entra em um carro dirigido por sua irmã, que aparece para buscá-la, sem saber o que está acontecendo. As cenas são aceleradas, gerando ainda mais tensão. Com

o alarme disparado, o marido de Cecília desperta e consegue alcançá-la. Ao se aproximar do carro, soca a janela do lado que a sua esposa se encontra, tentando obrigá-la a sair do carro e começa a agredi-la.

A partir de então, a narrativa se desenvolve e o público começa a entender como o marido manipulava psicologicamente sua esposa. Emily, a irmã da protagonista, acelera o carro de modo que Cecília consegue escapar das mãos do marido, mas deixando cair um frasco de remédio (Diazepam) usado na fuga para fazer o marido dormir. Esse frasco se tornará importante em acontecimentos posteriores retratados na respectiva da análise. O filme deixa claro esse fator ao enquadrar em *zoom* ele caído no chão.

O tempo da narrativa dá um salto de duas semanas e encontramos Cecília, ainda abatida, na casa de um amigo, James. Aos poucos, as cenas do filme vão ganhando coloração mais quentes e a trilha sonora já não representa tensão, dando a entender que o novo ambiente é seguro e receptivo. Após passarmos por cenas nas quais a personagem principal demonstra sinais claros de transtorno pós-traumático, mas sem ainda relatar o abuso para as pessoas em sua volta, sua irmã faz uma visita e comunica que Adrian está morto. Aparentemente, um suicídio. Logo, o projeto dramático começa a se estruturar para um novo rumo da narrativa. A partir de então, com a morte do marido, Cecília se sente mais segura e compartilha com o seu amigo James e a irmã Emily os abusos psicológicos que ela sofria naquela casa, sem entrar em detalhes complexos. O público então começa a acompanhar outra postura da protagonista, agora mais leve e com o rosto menos empalidecido, apesar de estar desconfiada, acreditando que o perfil narcisista de seu marido - um rico cientista especializado em óptica - não demonstrava que ele tinha tendências para cometer suicídio.

Na sequência, é anunciado a herança recebida por Cecília de seu marido, em torno de cinco milhões de dólares, desde que ela não fosse considerada mental ou fisicamente incapaz. A personagem então é confrontada pelo cunhado, irmão de Adrian, com insinuações de que o dinheiro seria o motivo pelo qual ela teria se casado. Neste momento, há uma inversão de papéis entre a vítima e o abusador. Na visão de seu cunhado, é Cecília a vilã da história e seu marido Adrian, a vítima, visto que é colocado a questão da herança na narrativa. A partir de então, o filme fortalece a representação do comportamento *gaslighting*, tema não discutido diretamente no longa, mas perceptível ao telespectador como ponto estrutural da trama. A simbologia escolhida para representar tal comportamento é propriamente o Homem Invisível. Essa metáfora reforça que, mesmo

não presente, o abusador consegue manipular psicologicamente a vítima, levando a consequências trágicas.

Enquanto no filme *À Meia Luz* essa estratégia de confusão mental é construída aos poucos, sendo mostrado, desde o início, o marido como o vilão e causador do conflito, em *O Homem Invisível* essa estratégia confunde até mesmo o telespectador, que não sabe se o que Cecília vê é real ou fruto de um trauma psicológico. A primeira cena que, de fato, se percebe a existência de uma pessoa invisível ocorre quando Cecília tentava dormir e sua coberta é puxada. A protagonista busca ajuda de James, alegando que haveria alguém no quarto, mas este, apesar de ir em seu resgate, é o primeiro a desacreditar da sua teoria. Este comportamento reforça outra representação de *gaslighting*, quando a vítima é desacreditada e tida como alguém que vê alucinações, ou louca. O mesmo estereótipo da personagem Paula, no longa de 1944.

Alguns dias depois do ocorrido, Cecília vai a uma entrevista de emprego, a qual podemos enxergar como um sinal de busca por independência. Mas no meio da entrevista, após se dar conta que seu portfólio não se encontra onde deveria estar, ela desmaia tendo que ser hospitalizada. Ao voltar para casa, recebe a notícia que o motivo do seu desmaio teria sido o consumo de uma quantidade excessiva do remédio, diazepam, o mesmo que ela deixou cair ao fugir de Adrian nas primeiras cenas. Em choque, Cecília anda até o banheiro e percebe o remédio, que reaparece misteriosamente na pia. É nesse momento que a personagem tem certeza de que Adrian teria teatralizado a própria morte e que, por meio de seus conhecimentos em óptica, teria conseguido se tornar invisível para vingar e matá-la de vez.

Este é um ponto de virada da trama. A partir de então é apresentada uma nova simbologia. Enquanto em muitas narrativas cinematográficas de relacionamentos abusivos, normalmente, a persona feminina não tem segurança das próprias convicções e fica paralisada, sem resolver o conflito, em *O Homem Invisível*, mesmo traumatizada, Cecília dá início as tentativas para resolver o problema. O primeiro passo é confrontar o irmão de Adrian, mostrando o remédio que havia voltado para ela e afirmando que Adrian não morreu. No entanto, as pessoas em sua volta desconsideram sua colocação, seja por olhares ou palavras. O cunhado argumenta que as cinzas de Adrian comprovariam sua morte, fotos são mostradas e é dito para Cecília que “a verdadeira genialidade dele era saber as fraquezas pessoais de cada um”, sugerindo que sua imagem e presença

assombrava Cecília e não havia fatos para comprovar sua suposição. Logo, tratava-se de um processo de adoecimento mental da vítima.

Ao ligar para o telefone de Adrian, Cecília encontra o aparelho no sótão junto de outras provas que concretizam a veracidade da perseguição pela qual ela estava sofrendo. Assim, acompanhamos a revelação que prova, finalmente, que é ele, Adrian. Sendo ele, ela não poderia estar louca. A partir desse momento, começa uma batalha da vítima para se desvencilhar de vez do aprisionamento psicológico o qual está sendo submetida. Essa luta atinge seu clímax logo após Cecília ter retornado a casa em que residia com Adrian e encontrado um traje invisível, a roupa que seria a representação da potência social que a ideologia sexista fornece aos gaslighters. A descoberta do traje esclarece qualquer dúvida que se poderia ter em relação à realidade dos acontecimentos, ou o seu adoecimento psicológico. Uma ressalva importante é que a senha a qual permite o acesso à vestimenta é a data na qual Cecília e Adrian se conheceram, ressaltando a obsessão insalubre do abusador pela relação. Mesmo assim, Cecília é vista como louca pelas pessoas em sua volta.

Um ponto importante da trama é o questionamento de Cecília. Ao encontrar a sós com o Homem Invisível, ela pergunta o porquê de ser ela a escolhida, se ele poderia ter quem quisesse. Para ela, existiriam tantas outras mulheres consideradas socialmente mais interessantes que ela. Então, qual motivo daquele sentimento de posse e manipulação? Na realidade do gaslighting, esta é uma pergunta complicada de ser respondida porque cada relação tem o seu próprio recorte. Entretanto, pode se afirmar que não é nada ligado a vítima especificamente, mas sim aos desejos do gaslighter que, para realizá-los, é necessário impor seu poder, exercendo controle sobre a realidade do abusado para vulnerabilizar o indivíduo, o desacreditando e o tornando estritamente dependente da dominância de sua realidade.

Começa a se estruturar o aprisionamento psicológico que o gaslighting fomenta, pois já havia se estabelecido na trama, que Cecília estava doente e nada que ela alegasse seria factível. Apenas a ilusão de uma mente problemática e “histérica”. Neste sentido, como a estrutura mais importante do processo de gaslighting já estava fundamentada - a loucura -, o Homem Invisível ataca as relações que representam a maior segurança, pertencimento e identificação de formas diversas, fazendo com que aparentasse ter sido tudo obra de Cecília. Até mesmo a morte da irmã, causada pelo Homem Invisível, em público e no meio de um restaurante, faz parecer que o ato foi praticado por Cecília. Esses

acontecimentos fazem com que seus amigos afastem dela, deixando-a sozinha, ainda sem acreditar em suas alegações. Novamente, outras representações de gaslighting: solidão, abandono, privação social e descrédito das pessoas a volta (Figura 2).

Figura 2: Cena ápice da narrativa, quando Cecília é internada como louca.



Fonte: site Adoro Cinema⁸

O episódio é um efeito de real do autor para ressaltar mais uma consequência física do gaslighting: a legitimização de que a vítima está ficando louca (SWEET, 2019). Na situação de cárcere num sanatório, a protagonista descobre que está grávida, o que acreditava ser impossível, pois estava tomando anticoncepcional escondido de Adrian. Mas ele havia descoberto e burlado seus desejos, fato que ela descobre por meio do cunhado, que sugere que ela volte para Adrian e tenha o filho, revelando finalmente sua participação no plano. Este é mais um recurso que o autor coloca na narrativa para representar o gaslighting, visto que, segundo Sweet (2019), crianças são frequentemente utilizadas como reféns em relacionamentos abusivos quando a vítima tenta deixar o abusador.

Ao caminhar para o desfecho final, a narrativa sofre uma reviravolta. James e Cecília bolam uma estratégia para fazer com que Adrian confesse seus crimes. Ela liga para o ex-marido e marca um jantar, no qual James estaria escutando a conversa com o auxílio de um gravador, na espera de uma confissão. Cecília tenta manipulá-lo para confessar a verdade e quando ele nega e continua se comportando dentro das conformidades clássicas do gaslighting, que envolvem jamais admitir a responsabilidades

⁸ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-129473/>

pelos seus atos, Cecília vai ao banheiro, veste a roupa para ficar invisível e mata o marido da mesma forma que ele assassinou a sua irmã.

A narrativa termina com ar de vingança da protagonista e suspense, já que Cecília nega ao amigo James que havia matado Adrian, o fazendo dizer em voz alta que ele havia suicidado e se tornando congruente ao crime. Por fim, ela sai da casa livre, acompanhada do cachorro e carregando o traje da invisibilidade. Em suma, a análise do filme *O Homem Invisível* (2020) releva os seguintes dados:

Quadro 2: Coleta dos dados

Gênero cinematográfico	Thriller. No filme, a vida da protagonista está ameaçada, porque está envolvida em um plano com alta tecnologia, criado pelo seu marido para deixá-la louca.
Representação da vítima	Resiliente, corajosa, fiel aos próprios princípios.
Representação do gaslighter	Rico, manipulador, controlador, agressivo, maquiavélico e inteligente.
Características do gaslighting	O gaslighter, literalmente se torna invisível e finge a própria morte para poder atormentar a esposa, que tenta terminar o relacionamento. Ele tenta, através de artimanhas, desacreditar e desestruturar a vítima.
Motivo do gaslighting	O motivo é indefinido, semelhante ao gaslighting real. A vítima passa boa parte da trama tentando responder esta pergunta. A resposta que concluí é que ela era uma mulher independente dele e ele queria dominá-la.
Significado construído	O significado se aproxima ao gaslighting real, sugerindo que ele pode acontecer com qualquer um(a) que venha se relacionar com um gaslighter. Que as instituições e até amigos e familiares podem, inconscientemente, não acreditar na vítima. Mostra ainda a dificuldade de se desvencilhar do relacionamento.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

Considerações finais

As análises nos mostram que, embora os dois filmes tenham o mesmo tema como fio condutor da narrativa, o significado do que é gaslighting vem mudando ao longo dos anos, sendo apresentado de maneiras diferentes nos dois longas. Enquanto na produção de 1944, o problema é construído aos poucos e justificado como um interesse do abusador em roubar a herança da vítima, no filme de 2020, o gaslighting é apresentado como algo que não tem motivação certa, podendo acontecer com qualquer pessoa, de qualquer raça ou classe social. Essa observação é confirmada no questionamento de Cecília (O Homem Invisível) sobre porque ela seria a vítima, não obtendo resposta.

Apesar da divergência na representação do gaslighting no filme de 1944 e no de 2020, é percebido que o gaslighting ainda é colocado como um feito extravagante, necessitando de um planejamento elaborado e uma trama complexa, sendo resolvido de forma imagética, se afastando da configuração da realidade. No entanto, é preciso enfatizar que o gaslighting, apesar de ser complexo, não é pirotécnico e pode acontecer em qualquer relação com desequilíbrio de poder social. Por outro lado, ao utilizar a invisibilidade como um elemento de ficção científica, o filme de 2020 acaba se tornando uma excelente ferramenta alegórica para vislumbrarmos as consequências físicas do problema, visto que, mesmo sem a presença do gaslighter, a vítima se sente em constante ameaça.

Notamos também a importância de escutar um pedido de ajuda por parte da vítima, que muitas das vezes é desacreditada em seu meio social. Esta representação do problema é vista nos dois longas. Enquanto no primeiro, a angústia de Paula é ignorada pelas pessoas em sua volta, os amigos de Cecília têm dificuldade em acreditar em sua palavra porque, para eles, Adam está morto, ainda que ela tentasse mostrar que a morte dele é uma farsa. No entanto, em O Homem Invisível, a representação de Cecília como uma mulher forte e persistente, que confronta seu inimigo para alcançar sua tão desejada liberdade, é importante para inspirar outras mulheres que vivem um relacionamento abusivo a buscarem uma saída e vencerem o problema. Esse jogo narrativo é tão bem construído que, mesmo ela matando o marido, o público fica do seu lado. É a representação da mulher como heroína e justiceira.

Por fim, enquanto À Meia-Luz nos traz uma história que parece acontecer apenas com mulheres ricas e indefesas, a trama de O Homem Invisível, apesar da alegoria de

ficção científica, sua representação na mídia nos mostra uma relação abusiva com diferentes significados, mais próxima da realidade. Nos faz refletir sobre o percurso doloroso que uma vítima oprimida pelo medo percorre, as consequências físicas e como precisamos ficar atentos a esse ciclo abusivo, sexista e tão cristalizado em diversas culturas.

Referências

ABRAMSON, Kate. TURNING UP THE LIGHTS ON GASLIGHTING. **Philosophical Perspectives**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 1-30, dez. 2014. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/phpe.12046>. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/ABRTUT>. Acesso em: 04 mar. 2023.

CAMPOS, Ana Cristina. **PNS 2019: 18,3% dos adultos sofreram algum tipo de violência**. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-05/pns-2019-183-dos-adultos-sofreram-um-tipo-de-violencia>. Acesso em: 04 mar. 2023.

CÍNTIA ACAYABA (Brasil). Globonews. **Feminicídios batem recorde no 1º semestre de 2022 no Brasil quando repasse ao combate à violência contra a mulher foi o mais baixo**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/07/femicidios-batem-recorde-no-1o-semester-de-2022-no-brasil-quando-repasse-ao-combate-a-violencia-contra-a-mulher-foi-o-mais-baixo.ghtml>. Acesso em: 02 abr. 2023.

HALL, Stuart (Org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage Open University, 2009.

KELLNER, Douglas. **Cultura da mídia**. 2. ed. Estados Unidos - EUA: Edusc, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Unb, 2013.

RIBEIRO, Jéssica. **DF: 84% dos casos de agressão a mulheres são de violência psicológica**. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/df-84-dos-casos-de-agressao-a-mulheres-sao-de-violencia-psicologica>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SARKIS, Stephanie. **O fenômeno gaslighting: saiba como funciona a estratégia de pessoas manipuladoras para distorcer a verdade e manter você sob controle**. Estados Unidos: Cultrix, 2019. 304 p.

SWEET, Paige L. The Sociology of Gaslighting. **American Sociological Review**, [S.L.], v. 84, n. 5, p. 851-875, 20 set. 2019. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0003122419874843>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2019-60458-004>. Acesso em: 04 mar. 2021.